

O Síndrome do documento primário perdido: O Ensino Superior na rota de Bolonha

Joaquim Ramos de Carvalho, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Conselheiro Nacional do European Credit Transfer System e Membro da Coordenação do Grupo de Missão para o Espaço Europeu de Ensino Superior da Universidade de Coimbra, dinamizou na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra um debate sobre “Processos de comparação entre métodos e conteúdos de ensino na União Europeia”. Este debate, promovido pelo SNESup no âmbito da iniciativa “Encontros quase casuais” e pelo Núcleo de Estudantes de Sociologia, beneficiou da presença de 30 participantes entre estudantes e docentes do Ensino Superior.

O debate procurou discutir questões como: saber até onde é possível comparar métodos e conteúdos de ensino entre diferentes países da UE? O que aprendemos com o Tuning Education Structures in Europe? Como são recolhidos os dados para comparar currículos à escala europeia? Como comparar e diferenciar os ciclos de formação à escala europeia? Para que servem os Dublin descriptors? E até onde é possível falarmos num sistema europeu de Ensino Superior?

Antes de apresentar o projecto de Tuning em que participa, Joaquim Ramos de Carvalho contextualizou-o no processo de Bolonha. A Declaração de Bolonha começou por ser referida como um texto que padece do síndrome do documento primário perdido, no sentido em que se trata de um documento de uma página, que muitos não leram ou já esqueceram, mas que tem suscitado muita teoria, muita discussão e muita interpretação que ultrapassam de longe os parâmetros do documento fundador. O processo de Bolonha é uma espécie de guarda-chuva que paira sobre as instituições de Ensino Superior e que leva a que todos os actores nele implicados percebam que há alguma coisa que tem de ser feita. O que, na prática, tem de (ou pode) ser concretizado é matéria de muitas agendas e de diferentes prioridades.

Mas se as agendas e as prioridades são diversas há um denominador que é comum a todas elas. Este denominador é o receio europeu de a educação de nível superior na Europa ser de segunda qualidade em relação à sua congénere norte-americana. A questão pungente de Bolonha e do rumo que o Ensino Superior está a tomar na sequência desta Declaração é a de saber como é que universidades tão antigas, tão prestigiadas e supostamente excelentes estão

a perder o comboio do Ensino Superior de qualidade. A grande agenda de Bolonha é, pois, a concorrência com os EUA.

Mas se Bolonha surge na sequência de uma iniciativa política de um conselho de ministros europeus, depressa as universidades foram entrando na discussão que o processo suscita, impondo as suas próprias agendas e procurando assumir um controlo sobre o evoluir do processo. Ainda que a agenda política da União Europeia tenha vindo a refazer o agendamento e a definição de prioridades estabelecidas pelas universidades, o que é inegável é que Bolonha deu um safanão em instituições que passavam por uma certa letargia.

O Tuning Education Structures in Europe, sendo um projecto promovido pelas universidades e não pela União Europeia reflecte uma das consequências imediatas que Bolonha acarreta para as instituições de Ensino Superior. Terminada a primeira fase, e com a segunda a terminar em Maio próximo, o Tuning procura comparar métodos e conteúdos de ensino a nível europeu e aposta na convergência e na sintonia, procurando definir perfis profissionais comparáveis e contribuir, através da possibilidade de tornar os diplomas mais facilmente legíveis em termos dos seus conteúdos, para a empregabilidade no mercado de emprego europeu.

A filosofia dominante do Tuning assenta no objectivo assumido de fazer com que as dinâmicas de ensino e de aprendizagem passem de uma aproximação centrada no professor para uma abordagem centrada no aluno. Neste sentido, o Tuning recorreu aos inquiridos por questionário para recolher dados que permitam apontar caminhos para a concretização deste desiderato. Apontando para que a formação do primeiro ciclo seja menos especializada e para que haja uma maior flexibilidade nos programas curriculares, o Tuning procura averiguar o que deve um estudante entender ser capaz de fazer para ser empregável. No limite, deseja-se que os processos de Tuning possam indicar perfis profissionais, sendo que, para que os perfis possam ser definidos, se torna necessário que existam conteúdos comuns que tenham reflexo no curriculum, pelo que é obrigatório reflectir sobre os métodos de ensino e verificar se os conteúdos são bem ensinados.

A questão da distinção de ciclos de formação é uma tarefa complicada que o Tuning procura abordar. O primeiro ciclo constitui um ponto de saída do sistema, mas ele só faz sentido se garantir emprego a quem sai. A questão é que os pontos de saída do sistema com

empregabilidade garantida, se o primeiro ou o segundo ciclo, variam muito de país para país e mesmo entre áreas científicas dentro do mesmo país. Quando se percebe que o primeiro ciclo não garante emprego há uma pressão muito grande para que o segundo ciclo não seja pago. A questão que se coloca em muitos casos, e certamente no caso português, está em saber, num cenário de encurtamento das licenciaturas que as convertam num primeiro ponto de saída do sistema sem grandes garantias de empregabilidade, qual o modelo de financiamento para os mestrados.

Uma das questões centrais do Tuning reside na dúvida em saber se poderemos chegar a uma definição genérica comparada que permita dizer o que é um primeiro ciclo e o que é um segundo ciclo. É aqui que entram os Dublin descriptors, muito acarinhados pela União Europeia e pelas agências da medição da qualidade. Estes descritores facilitam a comparação de ciclos de formação à escala europeia. Ainda que, em muitos casos, as comparações não sejam fáceis, o Tuning mostra que as comparações são vantajosas porque relativizam as nossas ideias. Por outro lado, a filosofia que aponta para lógicas de ensino e de aprendizagem centradas no estudante permitem medir o esforço real dos estudantes para serem bem sucedidos nas diferentes disciplinas que frequentam e obriga a que os professores explicitem o que os alunos são capazes de fazer depois de frequentada a disciplina e que não sabiam fazer antes. O Tuning leva as instituições de Ensino Superior e os seus docentes e discentes a pensar em termos de competências e de resultados e não exclusivamente em termos de conteúdos.

O debate com a audiência centrou-se à volta de questões como a eventual homogeneização causada pela comparação. Saber até que ponto a Europa deve apostar em mimetizar o sistema americano para atingir a excelência. Se o desenvolvimento de mecanismos que facilitem a leitura dos graus académicos à escala europeia leva ou não a que o Ensino Superior esteja apenas a formatar indivíduos para o mercado de trabalho. Se a transparência garantida pela comparação pode gerar diversidade de currícula formativos. Até que ponto a ilegitimidade de sistemas de formação diversos constitui um obstáculo à mobilidade. Se é possível e desejável estabelecer rankings de instituições de Ensino Superior. Se esses rankings são fáceis de evitar e se os selos de excelência são uma alternativa viável aos rankings. Em que medida um estatuto de carreira docente estruturado no número de horas de aulas e não de assistência prestada aos alunos colide com a abordagem de centrar as dinâmicas de ensino e de aprendizagem nos alunos e não nos docentes.

O debate não permitiu responder taxativamente à questão de saber se é possível falar num sistema europeu de Ensino Superior. Foi útil não só pelas informações e pela troca de ideias que possibilitou, mas também pelas questões que deixou em aberto para o próximo debate a realizar a 22 de Abril. Porque não estão obrigadas as instituições de Ensino Superior portuguesas a desenhar os seus cursos em sistemas de ECTS? Quais as metodologias adequadas para implementar o ECTS? Quais as dificuldades das instituições de Ensino Superior portuguesas para adoptarem um sistema de ECTS? Como avalia o ECTS a quantidade de trabalho dos estudantes? Como se combina o ECTS com a aprendizagem ao longo da vida? Como se concretiza Bolonha através da adopção do ECTS? Em que medida a auto-avaliação pode favorecer a adopção de um sistema de ECTS? Em que medida respondem os actuais programas de mobilidade ao processo Sorbonne-Bolonha-Praga-Berlim?

A Delegação do SNESup em Coimbra

15 de Abril de 2004

http://www.snesup.pt/iniciativas/encontros_quase_casuais/encontros_casuais_06.htm